

OLHANDO A PRÁTICA EDUCATIVA A PARTIR DAS RELAÇÕES DE GÊNERO

Lígia Luís de Freitas
Universidade Federal da Paraíba
ligialfreitas@gmail.com

Resumo: Durante sua história a educação brasileira vem reproduzindo desigualdades e discriminações. Nesta trajetória a escola tem sido um dos espaços de reprodução e reforço do modelo cultural hegemônico, impedindo a concretização de uma educação pautada nos direitos humanos. Este trabalho apresenta o resultado de intervenções metodológicas, no campo da educação para a igualdade de gênero na escola. Ao final do processo as pessoas participantes construíram planos de ação para serem concretizados no *chão da escola*, com foco equidade de gênero, nas questões etnicorraciais e/ou no respeito a livre orientação sexual.

Palavras-chave: prática educativa; relações de gênero; direitos humanos

INTRODUÇÃO

A história da educação é da busca de respostas às expectativas postas pela sociedade na qual se insere. A educação brasileira, ao longo de sua trajetória, vem reproduzindo as desigualdades e discriminações cultuadas pelo racismo, patriarcalismo, machismo, capitalismo e pelas diferentes formas de fundamentalismo existentes na sociedade.

O impacto das desigualdades e discriminações patriarcais e machistas na educação do Brasil perdurou por muitos séculos, através de um fenômeno chamado de *hiato de gênero*¹. Por mais de 400 anos a educação do país promoveu e reforçou um ensino desigual que privilegiava o acesso e a escolarização masculina, em detrimento a escolarização feminina relegada a aprendizagem rudimentar da leitura e da escrita, com foco no domínio nas prendas domésticas. A partir de meados do século XX, a educação do país começou a apresentar um novo quadro, no qual as mulheres apareciam superando o *hiato de gênero*.

Para avançar no caminho de uma educação em direitos humanos é fundamental como preconiza o Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos “fomentar processos de educação formal e não-formal, de modo a contribuir para a construção da cidadania, o conhecimento dos direitos fundamentais, o respeito à pluralidade e à diversidade sexual, étnica, racial, cultural, de gênero e de crenças religiosas” (PNEDH, 2007, p. 07).

Neste sentido, a escola precisa estar atenta e disposta a contribuir com a construção de uma cultura não sexista, não racista, não homofóbica, que seja capaz de garantir que todos e todas tenham conhecimentos, valores, crenças, atitudes e ações cidadãs.

Olhando a Prática Educativa a partir das Relações de Gênero

Enxergar as desigualdades da cultura *androcêntrica/machista e patriarcal* é sem dúvida um dos grandes passos que se pode dar para contribuir com uma educação pautada na *equidade*

de gênero. Entretanto, em pleno sexo XXI, ainda, educam-se meninos e meninas conforme as expectativas de masculinidade e feminilidade hegemônicas. A escola, com seus métodos disciplinares, seus mecanismos sutis de regulação do corpo e do comportamento, continua construindo sujeitos masculinos e femininos.

Vários estudos vêm se preocupando em contribuir com a construção de novas propostas que surgem do próprio chão da escola, a partir de pesquisas da pós-graduação² e de políticas implementadas por redes de ensino³ preocupadas em promover uma educação para a equidade e para o respeito às diferenças.

Na busca de uma nova escola é fundamental trabalhar com qualidades e habilidades como potencialidades humanas. Ou seja, existem meninas e meninos fortes, meninas e meninos organizados, sensíveis... Existem elementos da tradicional educação masculina e feminina que são importantes e necessários para qualquer ser humano. É no seu cotidiano, nas situações e espaços aparentemente insignificantes, que a escola pode se tornar um contexto fundamental de educação para a igualdade, para o respeito e para a diversidade.

(Endnotes)

- 1 Segundo BELTRÃO, Kaizô Iwakami e DINIZ, José Eustáquio (2006) o hiato de gênero refere-se as diferenças entre os níveis de escolaridade entre homens e mulheres.
- 2 ALVARENGA, Elda. Relações de gênero nos cotidianos escolares: a escolarização na manutenção/ transformação da opressão sexista. Contagem: Santa Clara, 2007. AUAD, Daniela. Educar meninas e meninos: relações de gênero na escola. São Paulo: Contexto, 2006. CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de (Org.). Consciência de gênero na escola. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2000. COSTA, Arlete. Cenas de Meninas e Meninos no Cotidiano Institucional da Educação Infantil: um estudo sobre as relações de gênero. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, 2004. PEREIRA, Marta Regina Alves. Nas malhas da diferença: nuances de gênero na educação de crianças. Uberlândia: EDUFU, 2005.
- 3 CASTRO, Mary Garcia. **Gênero e Raça: desafios à escola**. In: Pasta de textos da professora e do professor. Salvador: Prefeitura Municipal de Salvador. Secretaria Municipal de Educação e Cultura, 2004. **REVISTA LILÁS**. Educação não-sexista. Revista Informativa da Coordenadoria da Mulher. Prefeitura do Recife. Ano III, nº 3, janeiro 2004. SHOLZE, Lia (Org.) et al. **Gênero, memória e docência**. Porto Alegre: Prefeitura Municipal de Porto Alegre, Secretaria Municipal de Educação, 2001. SILVEIRA, Maria Lúcia da Silveira. GODINHO, Tatau (orgs.). Várias autoras. **Educar para a igualdade: Gênero e Educação Escolar**. São Paulo: Coordenadoria Especial da Mulher. Secretaria Municipal de Educação, 2004. SOUSA, Valquíria Alencar de e CARVALHO, Maria Eulina de. **Por uma educação escolar não-sexista**. João Pessoa: Editora Universitária/ UFPB, 2003.

REFERÊNCIAS

Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos. Comitê Nacional de Educação em Direitos Humanos. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, Ministério da Educação, Ministério da Justiça, UNESCO, 2007.